

# IMAGINÁRIO E SABERES AMBIENTAIS: DIÁLOGOS AMAZÔNICOS

## IMAGINARY AND ENVIRONMENTAL KNOWLEDGE: AMAZON DIALOGUES

Andréa Lima de Souza Cozzi 1

**Resumo:** O presente artigo trata de uma pesquisa referente aos diálogos entre os saberes ambientais e o imaginário presentes nas narrativas orais da região insular de Belém, visando compreender como as populações tradicionais da Amazônia paraense constroem e reconstróem seus conhecimentos sobre o meio a partir das histórias contadas. A abordagem da pesquisa foi qualitativa. Os métodos utilizados consistiram em História oral e Etnografia. As inserções na comunidade para a escuta e o registro das memórias alicerçaram-se em entrevista narrativa e foto voz como técnicas da metodologia. Constatamos que na relação com o meio ambiente são estabelecidas as práticas e saberes necessários para o cotidiano dos que vivem entre o rio e a floresta e, geralmente, são repassados de geração após geração, por intermédio da oralidade, como testemunho das construções coletivas. As narrativas contadas revelam a essência das memórias de povos tradicionais as quais denotam a estruturação de pensamentos, a construção dos elementos relacionais e atitudinais. O ato de ouvir e contar histórias envolve a compreensão mais profunda dos processos e dinâmicas da vida no grupo. A partilha comunicativa das histórias nos coloca em estado de comunhão com toda forma de vida.

**Palavras-Chave:** Narrativas orais. Povos tradicionais. Meio ambiente.

**Abstract:** This article deals with a research referring to the dialogues between the environmental knowledge and the imaginary present in the oral narratives of the island region of Belem, aiming to understand how the traditional populations of the Paraense Amazon construct and reconstruct their knowledge about the environment from the stories told. The research approach was qualitative. The methods used consisted of oral history and ethnography. The insertions in the community for listening and recording memories were based on the narrative interview and the photo voice as techniques of the methodology. We found that in relation with the environment, the necessary practices and knowledge for the daily life of those living between the river and the forest are established and, generally, they are passed on from generation to generation, through orality, as a testimony of collective constructions. The importance of the narratives told reveals the essence of the memories of traditional peoples which denotes the structuring of their thoughts, the construction of relational and attitudinal elements. Listening and telling stories involve a deeper understanding of the processes and dynamics of life in the group. The communicative sharing of stories puts us in a state of communion with all forms of life.

**Keywords:** Oral narratives. Traditional people. Environment.

## Introdução

O pensamento científico ocidental foi elaborado a partir dos princípios cartesianos com abordagens reducionistas e binárias. As quantificações, padronizações, generalizações, inflexibilidade, centrismo e relativismo epistemológicos fazem parte do paradigma científico construído e legitimado como esperança para a humanidade. A crença no futuro promissor em que o progresso, o desenvolvimento econômico e tecnológico salvaguardaria a humanidade foi amplamente propagado e consiste na promessa feita pela ciência.

E assim se vive no devir, na espera fiel, porém incerta, do cessar das desigualdades, da exploração, da fome, das doenças e das guerras pelas vias do desenvolvimento. Os ideais do progresso que prometiam bem-estar mergulharam a humanidade em profundas contradições e miséria que alteraram a percepção das populações em pregar ideologias que o homem é dependente do capital científico produzido pelas instituições para sua sobrevivência.

A padronização do modo de vida possível e aceitável imposta pelo modelo cientificista em contraposição ao da diversidade de formas de habitar o planeta Terra, com sua multiplicidade de espécies, climas, ecossistemas, práticas sociais e culturais, constitui uma formatação diretamente ligada ao tipo de sociedade almejada pelo pensamento iluminista.

Os saberes locais construídos e difundidos por longo tempo são silenciados e excluídos por não fazerem parte do cânone científico. E o pensamento ocidental binário (branco-preto, bom-ruim, razão-emoção, teoria-prática etc.) continua sendo perpetuado. Os povos originários e tradicionais desenvolveram formas de habitar o mundo, conforme as necessidades de convivência com o tempo e espaço dos quais fazem parte e, ao mesmo tempo, são partes constituintes.

Quando nos enredamos no meio ambiente e com ele realizamos trocas, há envolvimento profundo de conhecimento do ecossistema. Na Amazônia, encontramos a maior biodiversidade do planeta cujos habitantes desenvolveram uma relação sistêmica e dela construíram sua forma de ser e saber. Dessa maneira, objetivamos compreender como as populações tradicionais dessa região, especialmente os moradores das ilhas Sul de Belém, constroem e reconstróem os saberes ambientais a partir de narrativas orais do contador de histórias da comunidade.

A pesquisa é relevante pela necessidade de debater os diversos movimentos de explicações para os fenômenos naturais vivenciados que, nas áreas rurais-ribeirinhas da Amazônia, são elucidadas por conceitos formulados dentro da seara do imaginário: criações e representações, tentativas de entendimento, de dar significados ao vivido os quais são encontrados nesse lugar, em uma zona difusa de interpenetração na qual real e imaginário se misturam, formando o amálgama das culturas amazônicas.

A mistura resultante dessa relação natureza e sociedade revela-nos saberes ancestrais quase sempre transmitidos pela oralidade. São narrativas orais que explicam e ensinam. O conhecimento fechado cede espaço para o construído por múltiplos olhares, por muitas vezes e, por possuir a característica dos elementos da memória e da voz, precisam da circulação para sobreviver.

Considerando as populações do planeta que estão fora do círculo da ciência, podemos afirmar que elas se valem fortemente, em suas vidas, dos ensinamentos emanados dessas narrativas. Por outro lado, as que estão dentro do círculo científico também se valem. Essa aprendizagem da cultura não é coisa nova. Em culturas de tradição eminentemente oral, a própria invenção de técnicas de narrar garante a transmissão do aprendizado da vida em sociedade e está transpassada de valores e crenças míticas. (FARIAS, 2006, p. 36, 37).

Nesse aspecto, a tríade meio ambiente, saberes e narrativas orais encontram forte ressonância, conforme afirma Farias (2006), pelos ensinamentos emanados, valores e crenças míticas. Na circularidade da palavra nos constituímos seres sociais e de cultura. Na integração com as águas e as florestas – elementos predominantes da região amazônica – encontramos explicações para fenômenos químicos, físicos e biológicos e, portanto, não podem ser descon-

sideradas, abafadas ou silenciadas.

## Silenciamento das vozes

O homem se renova como ser pensante na medida em que pensa sobre seu fazer científico (Bachelard).

A ideia ocidental amplamente propagada de desenvolvimento tecnológico, do progresso por viés científico, incutiu em grande parte da humanidade a crença no devir de bem-estar e prosperidade na promessa da industrialização e do crescimento econômico como avanço.

Homogeneizar a sociedade por meio do conhecimento, se tornou ambição do centrismo científico desde os primórdios da humanidade, uma herança expressa nos impulsos de domínio e controle para chegar ao modelo de sociedade racional e progressista. Essa premissa apresentada por Serres (2008), discorre sobre a formatação na qual os homens “escrevem” a grande narrativa.

Nos dias de hoje, leis mais regulares do que as inventadas pelas eras passadas, destinadas a organizar ou submeter as coletividades, compreender e dominar o planeta, salvar ou subjugar as almas, formatam a Grande Narrativa do mundo inerte e dos seres vivos, antes do nascimento das culturas e, por isso, na ausência da intenção humana. (SERRES, 2008, p. 34).

Os princípios do conhecimento científico estão diretamente ligados à padronização da qual a sociedade é alvo ao tratar de forma homogênea e harmoniosa as diferenças, ao assumir uma abordagem que nega as contradições, ao não questionar os interesses ideológicos construídos a partir das metanarrativas e dos grandes discursos que sugerem uma única verdade ou concepção.

A narrativa do iluminismo é que a razão, o progresso científico e tecnológico conduziria a humanidade à emancipação e à felicidade e chega sob a égide dos consensos universais, opondo-se às tentativas de reescrita das narrativas dominantes que fracassaram.

Serres (2008) cita a metáfora dos ramos de uma planta para refletir sobre o conhecimento e sua construção. A haste central ou o formato-pai é exatamente a padronização de tal conhecimento com posicionamentos enraizados e imutáveis, porém chega um tempo na história das sociedades que a figura do pai é questionada. Então, chega a hora da idade filial, “um novo saber filho”, como anuncia Serres, brota, ramifica e, “um grande número de filhos supera o pai” (SERRES, 2008, p. 64)

O autor, ao anunciar os inúmeros ramos arborescentes que brotam com a chegada do saber-filho esclarece não haver brusca ruptura com a eliminação por completo da figura do pai. O formato ainda vive, mas com a invenção, com a urgência da reinvenção, pai e filho comunicam, pois o filho sempre nasce do pai, porém, cresce em meio às intempéries.

O filho nasce, mas não reinará jamais. Não há ciência sem nascimento, sem novidade, sem uma perpétua invenção, sem uma renovação da paisagem... sem ramificações. Se uma noite o pai retornar de seu retiro aposentado, não reconhecerá mais nada, pois tudo mudou. Se, com intuito de se manter, quiser se aferrar ao dogma, ele arruína o futuro... ou, então, se adapta e torna-se filho inteiramente novo e belo. Ele renasce. (SERRES, 2008, p. 64)

“Luz do sol, que a folha traga e traduz, em verde novo, em folha, em graça, em vida, em força, em luz...”(Caetano Veloso), ao poetizar o processo de fotossíntese, a essencial forma

de obtenção da vida, pensamos na efetiva necessidade do novo que surge do formato, como o ramo brota do caule. Mas para o broto ramificar precisa nutrir-se de luz, vir à luz, ocupar o lugar das intersecções, da miscigenação, das interconexões entre os diversos ramos do conhecimento.

Tarefa sublime com exigências nem sempre apreciadas ou compreendidas no campo das ciências, o deslocamento entre os diversos ramos do conhecimento requer adentrar em paisagens desconhecidas, outros e novos rumos, vivenciar conflitos, estranhamentos, instabilidades, transmutar o conhecimento. “O verdadeiro conhecimento transforma o corpo e a palavra de quem o recebe, ao oferecê-lo, transforma-se e transforma o corpo dos outros por meio de sua invenção”. (SERRES, 2008, p.68). Isso pressupõe nos lançarmos a viagens (natureza, sociedade, ciências), cientes de que as águas nunca são tranquilas, as tempestades chegam para refinar o buscador, a constância na travessia, a coragem em desbravar o desconhecido o torna um novo ser.

Ao metaforizar a grande narrativa da história da humanidade, como a “arborescência universal de acontecimentos contingentes e de novidades”, Serres (2008, p.62) apresenta a raiz que sustenta os acontecimentos. Mesmo com seus ramos interceptados, a ramificação encontra uma maneira de crescer e renascer. Isso ocorre através da invenção, ousadia, inquietude criadas e recriadas na existência humana.

Para o autor, algumas narrativas têm o poder de transformação e o ponto de mutação está proporcionalmente atrelado ao reconhecimento das nossas próprias histórias. Contar e ouvi-las envolve a complexidade de relações construídas a partir das tradições e heranças que expressam as culturas. A palavra cria, ramifica a alma e, enquanto somos transformados pelas histórias, nos convertemos, morremos e renascemos; há um realinhamento do tempo íntimo.

Esse é o poder das fábulas, a energia da narrativa: atrair a atenção é certo, mas também metamorfosear o povo inconsequente em combatente. De onde provém o milagre? Um conto que faz dormir acordado subleva uma população e a conduz até as muralhas, diante do inimigo [...]. Enquanto discorria sobre a Grande Narrativa, eu só dava atenção à verdade objetiva. Ela me apaixonava, mas não atraindo muita gente. Sua energia decorre menos de sua verdade do que desse poder apaixonante da narrativa. La Fontaine avalia essa energia ao demonstrar que um orador transforma a atenção da audiência ao revelar, ele mesmo, a ramificação que descrevi: no lugar em que o caule se parte, ele faz um enxerto. Enxerto. O poder extraordinário que produz esses milagres reside no ramo. A narrativa coloca-o em cena. Como? Pelo menos por meio da palavra. (SERRES, 2008, p. 134)

Ao apresentar as narrativas como lugar de significância, observamos um movimento de interligação e legitimação de outros campos do conhecimento. Partilhar as histórias marginalizadas é deixar ressoar as vozes que circulam entre as gerações e passam de boca em boca de acordo com os saberes dos povos: vivências com o meio ambiente elaboradas e reelaboradas a partir de experiências concretas.

A escuta de um acervo narrativo envolve a percepção da teia de símbolos tecida pelas experiências de comunicação entre as pessoas e materializada por meio da voz. Conhecer, dar ouvidos às histórias que transitam na oralidade significa, em primeira instância, considerar os elementos constituintes do meio e do modo de vida de mulheres, crianças e homens frente a explicações sobre os fenômenos vivenciados em suas comunidades. Há vozes silenciadas no percurso da humanidade, sons da sabedoria própria de cada povo que ainda são indizíveis, riquezas de saberes a explicar o cotidiano e suas conexões com toda forma de vida.

As narrativas contadas revelam a essência das memórias de povos tradicionais as quais denotam a estruturação de pensamentos, a construção de elementos relacionais e atitudinais. Ao ouvir e contar as histórias, somos chamados a uma compreensão mais profunda dos

processos e dinâmicas da vida no grupo. A partilha comunicativa das histórias nos coloca em estado de comunhão com toda forma de vida e permite aprender a ser humano com toda a carga que envolve viver num momento planetário. Neste tempo, a cobiça e o poder apartam homem e natureza, incitam o esquecimento das nossas memórias ancestrais, das identidades que foram porto seguro do que se viu, ouviu e viveu por meio de vozes orais!

### Saberes ambientais

Conforme Boff (2000), uma das questões nevrálgicas da relação homem e meio ambiente é a ética ecológica ou a ausência dela de forma acentuada. A visão utilitarista da biodiversidade permeia pensamentos e ações da humanidade, a serviço dos homens, encontrando em toda forma de vida um possível proveito. A volúpia pelo progresso praticada sem fronteiras ou medidas, levou os recursos naturais do planeta Terra à exaustão; crimes ambientais vestidos de tragédias são noticiados com frequência, mineradoras, madeireiras e refinarias são alguns que entram no rol de quem degrada o meio ambiente.

As discussões paradigmáticas<sup>1</sup> no campo científico negam a existência de outros conhecimentos que não sejam da matriz validada, codificada, mensurada, quantificada e padronizada. A multiplicidade de interpretações e descrições dos fenômenos apontam para a necessidade de outro paradigma que considere as tantas maneiras de se pensar e produzir ciência. Um olhar único do fazer científico segrega e reduz a teia da vida composta por todas as formas viventes a serviço da lógica utilitarista, a matéria-prima a ser submetida aos processos produtivos para o consumo.

Os saberes locais, frutos da organização e reorganização dos grupos, a partir do meio em que habitam, constituem maneira peculiar de dimensionar fenômenos. A organicidade se manifesta no modo de ser e saber das populações rurais-ribeirinhas, dos povos originários que vivem entre o rio e a mata. Há relação sistêmica entre a biodiversidade e parentesco com os animais, plantas, rio e fogo.

Na obra “Ideias para adiar o fim do mundo”, Ailton Krenak (2019) fala do rio que banha as terras de seu povo, *Watu*, nome dado por acreditarem que o rio é um parente, personificado na figura do avô, portanto não se trata de um recurso utilitário. O mal feito ao rio afeta diretamente seus netos. Ao elaborar o sentido de organicidade e de parentesco, o autor lembra o rompimento da barragem do Fundão, ocorrida em 2015, e do lançamento de materiais tóxicos no meio ambiente, afetando diretamente *Watu* que agoniza junto de seus descendentes.

A compreensão do enredamento entre todos os elementos do organismo vivo, que nomeamos de planeta Terra, não encontra ressonância na Ciência moderna que se agarrou ao pragmatismo, à tecnologia, à produção, ao progresso e afastou-se da transcendência, do imaginário, das outras formas de conceber o mundo. A letra da canção “Oricuri, o segredo”, do sertanejo João do Vale, músico, cantor e compositor maranhense, tematiza os saberes do meio ambiente, construídos pela observação cotidiana e esclarece que, no sertão, poucas pessoas conhecem a grafia das palavras, mas são exímias leitoras da natureza. Pelo contato direto com o meio aprenderam reconhecer os sinais fornecidos pela fauna, flora, águas, ventos e essa relação estabelecida os ajuda a conviver com os demais elementos da biodiversidade e a recriarem o dia a dia.

#### Oricuri

Oricuri madurou  
É é sinal, que Arapué já fez mel  
Catingueira fulorou lá no sertão  
Vai cair chuva a granel

<sup>1</sup> O conceito de paradigma, segundo Thomas Kuhn (1997), trata de um conjunto de opiniões, valores, métodos e modelos que são organizados por uma determinada sociedade.

Arapuá esperando  
Oricuri madurecer  
Catingueira fulorando  
Sertanejo esperando chover

Lá no sertão, quase ninguém tem estudo  
Um ou outro que lá aprendeu ler  
Mas tem homem capaz de fazer tudo, doutor!  
Que antecipa o que vai acontecer

Catingueira fulora: vai chover  
Andorinha voou: vai ter verão  
Gavião se cantar: é estiada  
Vai haver boa safra no sertão

Se o galo cantar fora de hora:  
É...

Os saberes locais encontram porto seguro exatamente na interligação, já que tudo ao redor é alvo do olhar observador, das experimentações das populações originárias e tradicionais. Por longas gerações, o conhecimento construído por esses povos atendeu suas necessidades.

Os homens, mais afeitos às longas caminhadas para o trabalho, sabem ler a natureza, compreender a linguagem dos animais e das plantas, os segredos da mata. Desenvolvem um rico conjunto de técnicas agrícolas, extrativistas, de pesca e de conhecimento sobre o ecossistema, mesmo que não registrem essa sabedoria por meio das palavras escritas em livros. Essa enciclopédia de saberes milenares corre o risco de se perder pelo ar a menos que os registros da oralidade se propaguem por gerações seguidas ou que algum apreciador dessas cosmologias de ideias as eternize por meio de palavras. (ALMEIDA, 2017, p. 50).

Na região amazônica, saber ler a natureza faz parte das habilidades necessárias a serem desenvolvidas. Conhecer a movimentação das marés, da pesca e caça, o período de plantio e colheita, o conhecimento das plantas que curam e a construção das moradias fazem parte do alfabeto que possibilita a leitura da natureza (FARIAS, 2006).

Mestre Simeão, 80 anos, morador da região insular de Belém é referência na comunidade como contador de histórias. Ele manifesta alegria e prazer em narrar. Seu acervo inclui narrativas ligadas ao imaginário amazônico, como Matinta, Mãe d'água, Boto, Curupira, Cobra Grande e outras encantarias do rio e da floresta. O mestre intermedia a passagem das vozes do rio e da mata por meio das histórias. Ele pouco ou quase nenhum acesso teve à cultura letrada, no entanto, sabe ler a natureza com maestria por ter ouvidos abertos e sensíveis à escuta dos sons que ecoam da mata e do rio. Mestre Simeão possui saberes sobre a história da Belém continental e insular, sobre o meio ambiente, os tempos das marés, os períodos de plantio e colheita, entre outros.

De memória prodigiosa, ele narra com detalhes e precisão. Leitor da natureza e guardião do saber local, o mestre registra na memória o que ouviu dos mais velhos e o que construiu de conhecimentos ao longo da vida às margens do rio. Por meio da prática narrativa, os saberes são propagados na comunidade.

*Quando dá muito maruim é sinal de camarão... agora presta muita atenção, como o maruim vem. Quando a água vai fazer sepacuema 6h da manhã... - sepacuema é a maré que dá as*

*seis horas da manhã...- é que dá maruim, são três dias, antes dela encher eles vêm, a pessoa não pode nem ir na beira que está fumaçando de maruim, passou essa fase já vai terminar, a maré vai dobrar, quando já dá 8h aí já vai terminar, acabou (Mestre Simeão, 2019).*

*Nossa maré é viva. Ela traz, ela leva. A pessoa não percebe, mas ela que traz a fartura. Porque uma maré grande dessa a gente reclama, mas ela traz muita fartura, traz o peixe, o camarão, porque se não existir a maré grande, o lançante grande, não tem fartura nem de camarão, nem de peixe. Tem que ter maré grande para cavar, limpar o rio. Para nós, é uma limpeza, uma correnteza dessa limpa tudo, ela cava, vai limpando. A maré viva ela tem força! Porque tem a maré viva e a maré morta. Água ela tem significância, ela tem o movimento dela (Mestre Simeão, 2019).*

Conhecer e compreender o movimento das marés e os fenômenos que acompanham o ir e vir das águas significa ter estratégias para viver de forma sistêmica. As explicações são elaboradas a partir da repetição de fatos e eventos no cotidiano, não como algo recente, mas como uma cadeia de saberes que atravessa gerações. Os fenômenos são nomeados, quantificados, classificados e as respostas encontradas, quando não, são consideradas como mistérios a serem desvendados.

Por exemplo, o fenômeno da maré das 6h e o que a acompanha implica em observações, levantamentos de hipóteses, reflexões, avanços e recuos, até a caracterização e nomeação da maré da aurora, a Sepacuema. A percepção de que o aumento dos maruins resulta no aumento de camarão significa, entre outros saberes, a identificação do tempo propício para a colocação dos matapis - espécie de armadilha cilíndrica, confeccionada com tala de miriti, utilizada para capturar camarão nos rios da Amazônia.

*“Nossa maré é viva... é a Mãe d’água que protege, porque a água é viva”* (Mestre Simeão, 2019). A vida e a proteção das águas são apontadas pelo mestre como responsabilidade de uma das encantarias do imaginário amazônico. Pelos caminhos líquidos dos rios, furos e igarapés amazônicos, as narrativas ligadas às águas são recorrentes e têm a força da pororoca<sup>2</sup>. A Mãe d’água toma conta das águas e, quando vem na forma das águas grandes, marés lançantes, ela limpa o rio com a correnteza.

Os rios fazem parte da vida e sobrevivência dos povos tradicionais. Eles são vivos e personificados para os que vivem em suas margens. Os sujeitos praticam lazer e as atividades diárias, como lavar roupas e louça, banhar-se, retirar o alimento para consumo e comercialização. Os rios são parentes, segundo as falas do Mestre Simeão e do povo Krenak, que até hoje se encontra pranteando a morte de Watu, seu rio-avô, que os alimentava e nutria. O rio doce dos Krenak era também o lugar das trocas simbólicas à beira do qual, com a fogueira acesa, os rituais desse povo originário eram transmitidos aos mais jovens em forma de dança, canções e histórias.

Ao lado do conhecimento científico, as populações rurais e tradicionais têm, ao longo de suas histórias, desenvolvido e sistematizado saberes diversos que lhes permitem responder a problemas de ordem material e utilitária tanto quanto tem construído um rico corpus da compreensão simbólica e mítica

<sup>2</sup>v A palavra pororoca é de origem indígena (tupi) e significa estrondo (forte barulho da natureza). A pororoca é um fenômeno natural que ocorre quando há o encontro entre as águas de um grande rio com as águas do oceano. No Brasil, a pororoca mais importante ocorre na Amazônia, quando as águas do rio Amazonas se encontram com as águas do Oceano Atlântico na foz deste rio. Ocorre um forte barulho e a força do fenômeno provoca a derrubada de árvores e alterações nas margens do rio. Durante o fenômeno, formam-se ondas que podem atingir até 3 metros de altura e velocidade de até 20 km/h. Disponível em: [https://www.suapeso\\_que\\_e/pororoca.htm](https://www.suapeso_que_e/pororoca.htm)quisa.com/. Acesso em: 23 fev. de 2020.

dos fenômenos do mundo (ALMEIDA, 2017, p. 47).

As narrativas contadas pelos povos tradicionais são reflexões necessárias para o entendimento da relação homem e natureza. Nas comunidades, como a ribeirinha da região insular de Belém, encontramos o fazer científico dos sujeitos aptos para ensinar, para trocar saberes com a instituição científica legitimada, especialmente com a instituição escolar, onde ainda se opera com veemência a dicotomia entre os conhecimentos. Considerar unicamente os preceitos produzidos pelos cientistas atende uma demanda parcial. Os saberes ambientais das comunidades precisam ocupar espaço, germinar e se fortalecer.

### **Diálogos com o imaginário**

As narrativas orais são fios que nos vinculam a pessoas e lugares, interligando-nos a uma teia tecida por partes de um todo, impulsionando a percepção de que somos um pouco dos outros seres e do mundo em que vivemos. Contar e ouvir histórias nos liga a uma rede de saberes, fios da memória que enredam povos, territórios e tempos, pois segundo Brandão (2002, p.400):

Todo complexo de tecidos e teias, de redes e de sistemas de símbolos, de significados e de saberes em/com que estamos envolvidos e “enredados” desde o momento de nosso nascimento, constitui o mundo da cultura. A cultura é “isto” e fora dela não existe a possibilidade de uma existência humana. Somos seres da natureza vivida como alguma experiência de cultura.

Amazônia é lugar onde as águas doces e a floresta influenciam o cotidiano de todos os seres vivos, animais, plantas, mulheres, crianças e homens se entrelaçam num modo de habitar a região, ao considerar a interdependência necessária para a manutenção da vida. Nesse enredamento existencial, no ir e vir das marés, nas andanças dos povos da floresta, se estabelece uma ligação de coexistência essencial, que cria e recria o entendimento dos fenômenos amazônicos.

O imaginário é gerador das explicações formuladas e reformuladas pelos habitantes. A contemplação do caboclo ribeirinho nas longas horas embrenhado nas matas e nos rios impulsiona os devaneios criadores e elucidativos dos fenômenos. O conceito de imaginário foi construído permeado por visões reducionistas, Durand (1998, p.14-15), teórico do imaginário, apresenta um recorte histórico do cientificismo e o historicismo do século XVIII como impulsionadores da desvalorização e da tentativa de banimento do imaginário.

As duas filosofias que desvalorizam por completo o imaginário, o pensamento simbólico e o raciocínio pela semelhança, isto é, a metáfora, são o cientificismo (doutrina que só reconhece a verdade comprovada por métodos científicos) e o historicismo (doutrina que só reconhece as causas reais expressas de forma concreta por um evento histórico). Qualquer “imagem” que não seja simplesmente um clichê modesto de um fato passa a ser suspeita. Neste mesmo movimento as divagações dos “poetas” (que passarão a ser considerados os “malditos”), as alucinações e os delírios dos doentes mentais, as visões dos místicos e a sobras de arte serão expulsas da terra firme da ciência. (DURAND, 1998, p. 14-15)

Por meio da imaginação, abrimos a porta da fabulação, que permite a passagem entre o real e o imaginário, num trânsito contínuo e fluido. Ao apresentar característica peculiar da percepção humana de entender e explicar o mundo, o imaginário encontrou novamente um

lugar no campo científico. Pensadores se debruçaram em pesquisar e teorizar a capacidade de fabular e a criação de imagens geradora dos sentidos e significados. O conceito de imaginário nos estudos de Durand (1997, p.18) explica que:

O Imaginário – ou seja, o conjunto das imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do homo sapiens – aparece-nos como o grande denominador fundamental onde se vêm encontrar todas as criações do pensamento humano. O imaginário é esta encruzilhada antropológica que permite esclarecer um aspecto de uma determinada ciência humana por um outro aspecto de uma outra.

Dessa maneira, não há segregação entre o pensamento racional e as imagens formadas que fazem parte do imaginário. Essa última carrega os sentidos ligados aos arquétipos, signos e símbolos construídos pela humanidade ao longo dos tempos. Para os habitantes da Amazônia, “o imaginário poético-estetizante, que preside o sistema cultural na Amazônia” (LOUREIRO, 1995, p.36) é integrante do cotidiano.

O modo de habitar a Amazônia envolve o fator estético em que as relações culturais encontram-se emaranhadas com a natureza. A criação de imagens faz parte do modo de vida ribeirinho, “o imaginário exerce um papel deflagrador desse processo” (LOUREIRO, 1995, p.81). A Amazônia é um lugar propício para o imaginário criador:

Uma cultura dinâmica, original e criativa, que revela, interpreta e cria sua realidade. Uma cultura que, através do imaginário, situa o homem numa grandeza proporcional e ultrapassadora da natureza que o circunda. (LOUREIRO, 1995, p.30).

Nas ilhas que compõem a parte insular de Belém são recorrentes os relatos das aparições do Curupira. Para os moradores, ele é o guardião da floresta, espírito que cuida da fauna e da flora e a ele cabe o papel de proteção. Os que ousam retirar da mata mais do que o necessário para a sobrevivência são *mundiados*, ou seja, são encantados, magnetizados, ficam perdidos por longas horas na mata. A necessidade do cuidado com o meio chega pela voz dos contadores, pois, desde a tenra idade, as crianças conhecem repertórios de histórias que educam, cuidam e explicam os movimentos de vida a partir do imaginário.

O amazônida tem sua própria ciência, sua maneira de ver, sentir e explicar que é um tesouro de simbologias acumuladas ao longo dos tempos por contextos peculiares e determinados pela organicidade dos seres vivos. As abundantes águas dos rios são elementos deflagradores do imaginário amazônico. Em *A água e os sonhos*, Bachelard apresenta a perspectiva do enlace do devaneio<sup>3</sup> com as águas doces e correntes. “O devaneio natural reservará sempre um privilégio à água doce, à água que refresca, à água que dessedenta” (BACHELARD, 2018, p. 162).

Nas margens do rio, em longas horas na canoa, à espera do peixe, o ribeirinho devaneia, sonha acordado: é uma atitude contemplativa que deságua no imaginário na criação dos símbolos e signos encontrados na Amazônia. O devaneio é parte constitutiva da construção imaginativa dos que vivem entre as águas dos rios e as árvores da floresta onde habitam seres encantados os quais são vistos apenas por quem se arrisca na noite:

*A gente conta para certas pessoas e eles ainda dizem que não existe, porque eles nunca andaram de noite e nunca viram, eu já vi muitas cobras no rio, ali no Tucunduba vinha uma correndo em cima da água como eu nunca tinha visto, correndo igual a um barco na água. Quem anda de noite vê as coisas, quem não anda não vê, de dia é mais difícil. (Mestre Simeão, 2019).*

<sup>3</sup> Na Poética do devaneio, Bachelard (2018) explica que o devaneio é o acordar das imagens sonhadas, não com o sonho noturno, mas o sonhar acordado, o devaneio é diurno.

A perfeita orquestra da vida na Amazônia, regida pelas águas doces e pela floresta, o som dos instrumentos naturais envolve a habilidade da audição da música da natureza. E assim, escrevemos as notas na partitura, na pauta do imaginário; as notas são escritas entre o real e o devaneio. Curupiras protetores das matas, botos que viram galantes homens, plantas que se metamorfoseiam em guardiãs das casas, árvores que são portais de trânsito dos seres encantados. O indizível percorre furos e igarapés, e as brechas permitem raios de sol entre a densa folhagem da floresta na sinfonia da existência amazônica.

## Considerações Finais

Ouvir as narrativas das populações, contadas fora das instituições acadêmicas, é um convite à mudança de postura, à reflexão da urgência em repensar o cotidiano sem fragmentos entre ciências, artes, culturas e religiões, ao diálogo aberto e inventivo que desestabilize a formatação original do conhecimento.

Não se trata de rompermos ou desconsiderarmos a ciência instituída, mas percebermos o broto que ramifica com a participação intensa de todos os envolvidos, considerando que os ramos compõem a árvore e nem sempre são desvelados de início, pois exige a leitura das entrelinhas, no que está por vir.

Entrelaçar os saberes locais com as instituições formais como escolas, universidades e as demais redes de pesquisa, pode emanar multiplicidade de saberes e a reinvenção da lógica hierarquizada do conhecimento centrado em velhos e únicos paradigmas. Contrariando tal organização epistemológica, não há uma instituição ou um único saber que funcione como eixo e, sim, uma rede que pode ser acessada de vários pontos, rompimentos de fronteiras entre saber local e saber científico a fortalecer os diálogos na proporção em que a ciência amplia seu olhar e se entrelaça no cotidiano.

A religação de saberes e a desfragmentação das ciências chegam a nós como potente renascer, mensagem de esperança e afirmação aos que se lançam às pesquisas nas margens, nas bordas. Amplia a percepção de que fazemos parte de um todo conectado com a vida cotidiana fora das gaiolas do conhecimento desconectado com os sujeitos históricos possuidores de anseios, sonhos, valores, narrativas, quase sempre silenciadas, negadas, excluídas do cânone histórico e científico.

No território amazônico, nossa atenção foca a região com a maior e mais importante reserva de biodiversidade do planeta. Por centenas de anos se manteve viva e nutrida pela relação orgânica e sistêmica entre os seres que habitam a Amazônia e ao mesmo tempo dela fazem parte. Sendo assim, os saberes sobre o meio ambiente são narrados geração após geração como testemunho das construções coletivas dos povos, animais, plantas, e os elementos como o fogo, o ar, a terra e a água, fios de igual importância e necessidade na grande teia da vida.

## Referências

ALMEIDA, M. C. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição**. 2. ed. São Paulo: Ed. Livraria da Física, 2017.

BACHELARD, G. **Poética do devaneio**. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2018a.

BACHELARD. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2018b.

BOFF, L. **Ecologia: grito da terra, grito dos pobres**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

BRANDÃO, C. R. **A educação popular na escola cidadã**. Rio de Janeiro: Petrópolis, Vozes, 2002.

DURAND, G. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Trad. Renée Eve

Levié. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Trad. Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FARIAS, C. A. **Alfabetos da alma: histórias da tradição na escola**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1997.

LOUREIRO, J.J.P. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: Cejup, 1995.

SERRES, M. **Ramos**. Trad. Edgar de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

VALE, João do. "Oricuri, o segredo". Canção. Disponível em [www.lettras.mus.br](http://www.lettras.mus.br). Acesso em: 30 ago. de 2020.

VELOSO, Caetano. "Luz do sol". Canção. Disponível em [www.lettras.mus.br](http://www.lettras.mus.br). Acesso em: 30 ago. de 2020.

**Fonte oral:**

**Mestre Simeão**, 80 anos. Entrevista realizada na sua residência, na ilha Murutucu, 2019.

Recebido em 23 de setembro de 2020.

Aceito em 28 de setembro de 2020.